

A LUTA PELA TERRA: O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE MILITANTES DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

Pedro Afonso Origuela Ramalho¹

Thaylize Goes Nunes Pereira²

Prof^a Dr^a Mirian Claudia Lourenção Simonetti³

RESUMO

Esta pesquisa é parte de uma pesquisa mais ampla denominada “*Territorialidades em tensão: movimentos sociais, agronegócio e políticas de reforma agrária no Brasil entre 1985 a 2010*”, e vem sendo desenvolvida junto ao Centro de Pesquisa e Estudos Agrários e Ambientais – CPEA na Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Marília, que objetiva pesquisar o processo de formulação e execução das políticas de reforma agrária nos governos Lula da Silva, tendo por referência os governos Sarney e FHC, a fim de verificar os seus limites e possibilidades, os avanços, recuos e a importância atribuída ao tema no conjunto das políticas públicas do período e análise do processo de reprodução econômico, social, político, cultural e ambiental, dos Projetos de Assentamentos, previamente escolhidos, a fim de realizar um balanço dos 25 anos das políticas de reforma agrária no país. Sendo assim, a parte a qual me cabe nessa pesquisa objetiva-se analisar o processo de reprodução social, compreendendo nessa pesquisa o processo de formação de militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

PALAVRAS CHAVES: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Militância, Reprodução Social.

¹ Discente do curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília. Colaborador do Centro de Pesquisa e Estudos Agrários e Ambientais (CPEA). E-mail: pedrooriguela@yahoo.com.br

² Discente do curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília. Colaboradora do Centro de Pesquisa e Estudos Agrários e Ambientais (CPEA). É bolsista financiada pela PIBIC/CNPq. E-mail: thaylize@hotmail.com.

³ Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília. É coordenadora do Centro de Pesquisa e Estudos Agrários e Ambientais (CPEA). E-mail: mirian@mariliaunesp.br

OBJETIVO

O objetivo, de maneira mais ampla, é compreender aqui, como se dá o processo de formação de um militante no MST, tendo como pré-suposto que tornar-se militante exigirá que esse esteja disposto a fazer de seu discurso o do MST e a uma reestruturação da vida, fazendo dela instrumento de luta para a Reforma Agrária. Como objetivos mais específicos, temos:

- A intenção de contextualizar historicamente o processo de formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra;
- Realizar uma análise bibliográfica acerca da discussão da reforma agrária brasileira e da formação de quadros no MST;
- Realizar uma pesquisa de opinião que contemplem questões sobre a temática abordada.
- Procurar-se-á entender também como a militância fez-se saída para os jovens permanecerem na terra ou lutando por ela, dando continuidade a reprodução social proposta pelo Movimento;
- Analisar o processo de formulação e execução das políticas de reforma agrária, entendendo nessa pesquisa o processo de formação de militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra;
- Entrevistar os trabalhadores do campo tanto os assentados bem como os acampados que fazem parte da militância do MST;
- Objetiva-se entrevistar também aqueles que abriram mão da terra para direcionarem suas vidas a lutar por ela; e as lideranças do Movimento;

Paralelamente a esse trabalho, está sendo desenvolvida uma pesquisa no Assentamento Reunidas – Promissão/SP, onde conseguiremos entender com mais complexibilidade a reprodução social no Assentamento e como a militância se tornou uma saída para os jovens permanecerem na terra, na organização e luta junto ao Movimento.

MÉTODO

Seguindo essa problemática, que ressaltará a análise da formação dos militantes no MST, a pesquisa desenvolvesse através de duas vertentes divididas em teórica e empírica. Através primeiramente do embasamento teórico fornecido principalmente pela teoria social crítica fornecida pelos autores Karl Marx, Vladimir I. Lênin, Bernardo Mançano Fernandes, Maria Aparecida de Moraes Silva, entre outros; demais obras

sobre o assunto, dentre os demais autores que possuam uma discussão e demais pesquisa e leitura das bibliografias, tentarei entender como se dá o processo de formação de quadros de militantes do MST, entendendo dessa maneira o processo de reprodução social dentro dos assentamentos.

Após a essa etapa darei início da pesquisa empírica com o objetivo de entrevistar os trabalhadores do campo, os assentados, acampados, lideranças do MST e seus militantes para compreender suas singularidades em relação a problemática da pesquisa. Aqui, procuraremos entender a complexidade e diversidade dos sujeitos sociais envolvidos.

Os depoimentos serão colhidos através do método da história oral – não perdendo de vista, a situação a qual esses depoentes estão inseridos na sociedade.

Ressalto ainda que os depoimentos colhidos e devidamente analisado serão utilizados para a comprovação e também para a negação das teorias utilizadas, tendo como pressuposto que a realidade está dada e não pode ser negada, contrariamente as teorias ao qual nos basearemos. Buscaremos desta forma, compreender o processo de reprodução social aqui instaurado.

RESULTADOS

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, dentre os movimentos sociais, revela uma trajetória de luta pela terra no campo brasileiro, tendo sua formação oficializada no ano de 1984. Mesmo havendo fortes fatores que impulsionavam o surgimento do movimento desde meados dos anos 70 como, por exemplo: a implantação de um modelo econômico agropecuário que visava acelerar a modernização da agricultura com a criação de um sistema de créditos e subsídios incentivando, a monocultura e deste modo criando uma difícil situação para a agricultura familiar, implicando neste momento da história do país a migração de em média trinta mil famílias para as cidades, o que é caracterizado com uma usurpação “legal” do direito dessas famílias manterem-se fazendo o que sempre fizeram que é “lidar” com a terra, o que para aquele sujeito muito mais que um relação de trabalho, mas sim uma relação de vida. Contudo, nesta criação do MST, pode-se também contar com o apoio de setores da igreja católica, em uma nova vertente que nascia dentro dela no mesmo período, a qual era chamada de teologia da libertação, essa nova vertente contava com órgãos como a Comissão de Pastoral da Terra – CPT que fora um fator essencial para o desenvolvimento da luta pela terra, esta que eferve em um momento

difícil no cenário brasileiro, a ditadura militar, porém ela não sucumbe às opressões deste complicado período histórico, essa luta tem continuidade dando origem primeiras ocupações de terra que acontecem entre os anos de 1979 e 1984.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) por suas grandes mobilizações oriundas de sua forma de organização tem conquistado cada dia mais perceptividade ao se tratar da temática da luta pela terra, trilhando passos para vez mais valiosos para a discussão da reforma agrária brasileira.

Para obter tal organização para construir as mobilizações e não deixar que o Movimento morra, o MST possui em seu seio um alicerce sólido que se articula e se renova para que a luta pela terra não termine assim que a mesma seja adquirida, pois o projeto não se restringe apenas a terra, mas sim ir além disso questionando e traçando propostas de mudanças sociais e políticas, pensando assim em uma política emancipatória. Para a continuidade de tal processo de luta que se destaca a figura dos militantes, a qual está pesquisa retratará.

Procuraremos compreender aqui, como se dá o processo de formação de um militante no MST, tendo como pré-suposto que tornar-se militante exigirá que esse esteja disposto a fazer de seu discurso o do MST e a uma reestruturação da vida, fazendo dela instrumento de luta para a Reforma Agrária. Procurar-se-á entender também como a militância fez-se saída para os jovens permanecerem na terra ou lutando por ela, dando continuidade a reprodução social proposta pelo Movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa encontra-se no estágio inicial, mas até o momento concluímos que a hipótese inicial que a militância tem sido utilizada por alguns jovens como instrumento de continuarem na luta pela terra vem sendo confirmada. Ressaltamos ainda, que o “ser militante” não é fruto direto da vivência adquirida no acampamento/assentamento e que existe sim toda uma trajetória de vida que faz com que a luta pela conquista da terra para todos que a queiram seja mais forte do que somente a conquista do seu próprio pedaço de terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALY JUNIOR, Osvaldo; FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. *Assentamentos Rurais: Impasses e Dilemas. Uma trajetória de 20 anos*. São Paulo, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, 2005.

FERNANDES, B. M. *A Formação do MST no Brasil*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LERRER, D. F. *A militância como devoção: a primeira geração de militantes do MST*. Cad. CERU, São Paulo, v. 20, n. 2, dez. 2009.

LÊNIN, V. I. *O Que Fazer?* Hucitec, 1978.

MARX, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, São Paulo, Boitempo Editorial, 2004.

_____. *O Capital. (Crítica da Economia Política). O processo de produção do capital*. Livros 1 e 2. v. 1 e 2. 8. ed. São Paulo: Difel, 1982.

PAIVA, I. A. *A dimensão educativa do fazer militante no MST*. UFRN GT: Movimentos Sociais e Educação / n.03.

SANTOS, F. S. *Formação de educadores militantes no MST*. Dissertação (mestrado) UFSC. 2009.